

## AVALIAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Antonio Carlos dos Santos Cruz <sup>1</sup>

### RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade singular, atendendo a um público adulto, o qual se compõe de sujeitos que por diferentes motivos não puderam completar seus estudos no tempo regular, pode-se entender que essa modalidade possui um caráter eminentemente compensatório e inclusivo. Em tal contexto o processo avaliativo ocupa lugar de destaque, constituindo-se não apenas uma forma de controle e registro, mas uma ferramenta pedagógica de ensino. O presente artigo apresenta os resultados obtidos em pesquisa realizada para a tese de doutorado de seu autor, onde se investigou o processo avaliativo da EJA no município de Vila Velha, Espírito Santo, através de questionários aplicados a professores e alunos da EJA no referido município. A metodologia envolveu uma revisão da literatura realizada previamente, e um estudo de campo realizado com 50 professores e 200 alunos. Os resultados atestam as particularidades únicas do público atendido na EJA, pessoas adultas, com suas próprias responsabilidades, que precisam concluir seus estudos escolares em busca de melhores oportunidades de trabalho. Constata-se que os docentes estão cientes destas particularidades, enquanto que os alunos da EJA demonstram interesse por projetos educacionais que envolvam o uso da criatividade, mas no que tange ao desempenho escolar propriamente ainda existe uma grande lacuna entre as competências a serem desenvolvidas e a realidade vivenciada pelos alunos.

**Palavras-chave:** Pedagogia Libertadora. Jovens e adultos. Avaliação. Educação.

### INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos, EJA, é uma modalidade educacional que integra a educação básica. A mesma se prevista na Lei de Diretrizes e Bases Educacionais, LDB/1996, onde afirma em seu artigo 37: “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Tal definição enfatiza o caráter inclusivo e compensatório que esta modalidade de ensino possui.

---

<sup>1</sup>Aluno do Programa de Doutorado em Ciências da Educação da Universidad Autónoma Asunción – UAA, Assunção, Paraguai. Mestre em Educação pela Universidade Del Norte (UNINORTE, Paraguai). Diploma revalidado pela UFAL e pela UFAM. Técnico Administrativo em Educação da UFES. Área de Concentração: Educação. Linhas de Pesquisa: Planejamento e Avaliação, Avaliação de Sistemas, Avaliação de Jovens e Adultos, Instituições, Planos e Programas Educacionais, Endereço Postal: Rua Mercúrio, nº12, apto. 101, Cruzeiro do Sul, Cariacica, (ES), CEP: 29144-161. E-mail: [antonio.cruz@ufes.br](mailto:antonio.cruz@ufes.br).

É a necessidade que propicia a busca pelo ingresso na educação de jovens e adultos. Não uma necessidade qualquer, mas aquela diretamente ligada às questões de sobrevivência, o aluno da EJA é um sujeito que procura completar seus estudos na maioria das vezes porque necessita aprimorar sua formação escolar para entrar no mercado de trabalho, fugir do desemprego, conseguir uma oportunidade de trabalho. Destacam-se as peculiaridades da EJA com seu público diversificado e singular, e enfatizando-se que “mediante a inserção na EJA, alunos jovens e adultos têm a oportunidade de enfrentar o fracasso escolar – compreendido como a consequência da não apropriação do aprendizado escolar” (NEGREIROS, *et al.*, 2017, p.01).

Assim, o aluno da EJA acaba absorvendo apenas aqueles conhecimentos inerentes ao seu cotidiano, aqueles saberes necessários a sua qualificação e atuação profissional, delegando para os porões da mente todos os outros saberes restantes. Não refletem sobre isto e por esse motivo não se apropriam de muito do que lhes é ensinado. Somente em raras ocasiões o indivíduo aproveita algo esquecido nos porões do cérebro. É em razão deste entendimento que se recomenda que o primeiro passo essencial para o redirecionamento dos caminhos da práxis da avaliação é a criação de um posicionamento pedagógico claro e explícito (LUCKESI, 2005).

Neste cenário da educação de jovens e adultos, a avaliação certamente se firma como processo inteiramente irreversível. O permanente esforço pela identificação do nível de qualidade da instituição escolar se constitui em elemento indispensável para a busca de uma igualmente qualidade necessária. Torna-se relevante mencionar que a avaliação está sendo encarada efetivamente como um processo que se constitui em excelente agente de identificação e de apoio à qualidade institucional e do processo ensino-aprendizagem. Amplia-se o entendimento da avaliação enquanto ferramenta duradoura em busca de uma qualidade compatível entre a filosofia institucional e a realidade social.

O tema desta pesquisa, evidentemente exposto acima, é a importância do processo avaliativo na educação de jovens e adultos. Deste modo, o presente artigo visa apresentar os resultados obtidos em pesquisa realizada para a tese de doutorado de seu autor, na qual se investigou o processo avaliativo da EJA no município de Vila Velha, Espírito Santo, através de questionários aplicados a professores e alunos da EJA no referido município, o qual alicerçou-se nos seguintes objetivos: verificar qual (is) tipo (s) de avaliação está (ao) sendo utilizado (s) na educação de jovens e adultos; apresentar uma conceituação teórica a respeito da avaliação e da educação de jovens e adultos; analisar como e com quais objetivos estão sendo usadas as avaliações do ensino de jovens e adultos; caracterizar a instituição escolar

alvo da pesquisa e a visão dos alunos em relação à educação de jovens e adultos no qual estão matriculados.

Os resultados encontrados evidenciam uma realidade similar da EJA nas escolas similares, especialmente no que concerne ao próprio projeto estrutural que define o espaço destinado a EJA, com procedimentos didáticos pedagógicos muito semelhantes entre si. Os professores participantes, em sua maioria, como se verá mais adiante, compreendem a situação do aluno da EJA, pessoas adultas envoltas em um contexto de aprendizado escolar básico. Entre os alunos o estudo constatou um intenso envolvimento com projetos educacionais que envolviam criatividade e originalidade, o que facilita o desenvolvimento de suas potencialidades, contudo em relação ao desenvolvimento acadêmico ainda existe uma grande lacuna entre as competências a serem desenvolvidas e a realidade vivenciada pela escola na realização das atividades escolares.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo optou em primeiro momento por uma investigação de caráter bibliográfico, empreendida através da análise de livros, revistas, publicações diversas, bem como demais meios de informações que dizem respeito à avaliação educacional. Em um segundo momento empreendeu-se uma pesquisa de campo. Os autores selecionados integram uma mescla harmônica entre estudiosos clássicos e indispensáveis na área pedagógica, como Paulo Freire, em consonância autores contemporâneos, com pesquisas atuais, desenvolvidas nos últimos 10 sobre a temática escolhida.

Na etapa empírica foi utilizado o questionário de entrevista formal como forma de coleta de dados. A modalidade de ensino oferecida pelo município compreende os estudos de 1ª à 8ª série. Em 2018, cerca de oito mil pessoas passaram pela EJA de Vila Velha, que é semestral. A amostra compreendeu 5 escolas da Região V do município contando com 50 professores e 200 alunos como participantes.

A Pesquisa foi desenvolvida através de questionários formais estruturados com perguntas objetivas, os dados foram coletados nas instituições de ensino, as quais compuseram parte do universo do assunto em questão. Posteriormente, foi executada a tabulação e análise dos dados para a efetiva elaboração da discussão final e conclusões do estudo.

Os dados foram analisados através de um viés qualitativo, contando com a tabulação quantitativa para apresentar os dados obtidos de forma clara e concisa. Assim, pretendeu-se apresentar um panorama realista do processo avaliativo da EJA no município de Vila Velha, tendo como principal alicerce conceitual a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, em harmonia com as discussões contemporâneas que permeiam o processo avaliativo da EJA.

## DESENVOLVIMENTO

A Educação para Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino para aqueles que não tiveram acesso à escolarização em idade apropriada e também para aqueles que iniciaram, mas, não deram continuidade aos estudos, foi implantado há mais de 20 anos pela Lei 9.394/1996 e é tido como o programa do governo responsável por dar oportunidades de um novo futuro a um considerável nicho da população brasileira.

A trajetória do ensino da EJA no Brasil, iniciada com os padres jesuítas quando esta modalidade educacional estava longe de ser chamada assim (SALLES, 2008), passou por muitas etapas durante sua história, mas todas guardam em comum a característica compensatória e que visa a qualificação profissional dos alunos, tendo como pano de fundo um cenário mão de obra para suprir as demandas econômicas, sem atentar para a aquisição do conhecimento dos alunos, não os vendo como o que são, pessoas únicas com suas próprias particularidades (MIRANDA; SOUZA; PEREIRA, 2016).

O criador da Pedagogia Libertadora, Paulo Freire, concebeu e colocou em prática um plano de alfabetização de jovens e adultos o qual não se baseava em transmitir um saber pronto e construído, pois para ele palavras eram criadas e não doadas, seu método não dispunha de respostas prontas e estimulava a reflexão e a criticidade, no entanto este método era totalmente contrário à visão funcional e técnica do governo, que objetivava unicamente capacitar a mão de obra e fomentar a obediência ao governo (DREYER, 2011).

Paulo Freire mudou a lógica até então empregada ao conceber que o indivíduo analfabeto não era causa do subdesenvolvimento, mas, a vítima de uma sociedade desigual e injusta, de um sistema que, pela educação, reproduzia o poder elitista político, econômico e social do país.

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em seres para outro. Sua solução, pois, não está em 'integrar-se', em

‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si.

Este não pode ser, obviamente, o objetivo dos opressores. Daí que a ‘educação bancária’, que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos.

Na educação de adultos, por exemplo, não interessa a esta visão ‘bancária’ propor aos educandos o desvelamento do mundo, mas, pelo contrário, perguntar-lhes se ‘Ada deu o dedo ao urubu’, para depois dizer-lhes enfaticamente, que não, que ‘Ada deu o dedo à arara’.

A questão está em que, pensar autenticamente, é perigoso. O estranho humanismo desta concepção ‘bancária’ se reduz à tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de Ser Mais. (FREIRE, 1987, p.35).

Diante do exposto, o que Freire (1987) deixa claro é que se faz necessário que as instituições promovam a criatividade e incentivem a descoberta para o educando e isso somente será possível ao estudante em idade tardia se o ensino tiver um viés verdadeiramente transformador, que possibilite ao indivíduo o diálogo e a discussão.

Neste contexto, o processo avaliativo no EJA não pode ser feito de forma mecânica e autoritária, visando unicamente a notas e quantificar o desempenho, uma metodologia correta de avaliação para este público somente pode ser formulada mediante o conhecimento e domínio de técnicas que empreguem critérios claros e objetivos que visem à autonomia deste educando, principalmente para que se possa diminuir a exclusão social (PELLOSO, 2014).

É imprescindível que o educador busque ter um olhar mais sensível às necessidades destas pessoas, buscando romper com a visão deturpada de que este público procura unicamente uma certificação, sim eles precisam disso, mas também estão ali para recuperar o tempo perdido em todos os anos que desejaram estudar e não lhes foi permitido (CARMO, 2017).

Citam-se as palavras de Paulo Freire:

Se a marginalidade não é opção, o homem marginalizado tem sido excluído do sistema social e é mantido fora dele, quer dizer, é objeto de violência. O homem marginalizado não é “um ser fora de”. É, ao contrário, um “ser no interior de”, em uma estrutura social em relação de dependência para com os que chamamos falsamente de seres autônomos. [...] Na realidade, estes homens analfabetos ou não – não são marginalizados. Repetimos: não estão “fora de”, são seres “para o outro”. Logo, a solução de seu problema não é converterem-se em “seres no interior de”, mas em homens que se libertam, porque não são homens à margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura que é responsável por esta mesma dependência. Não há outro caminho para a humanização – a sua própria e a dos outros –, a não ser uma autêntica transformação da estrutura desumanizante (FREIRE, 1980, p. 74-75).

O professor que trabalha com o ensino EJA deve adquirir primeiramente sua própria consciência crítica, preparando-se para atuar devidamente junto a esta demanda, somente

assim, poderá entender a real importância de seu trabalho e os rumos que precisa dar aos seus objetivos enquanto educador. Articular o conhecimento já apropriado pelos jovens e adultos ao longo de suas vidas com o conteúdo que precisa ser ministrado em aula, e considerar no processo avaliativo critérios que contemplem essa realidade é uma necessidade para um processo educativo bem sucedido no EJA (LAFFIN, 2012).

Há que se entender que as mudanças sociais desejadas precisam iniciar por algum caminho, e o professor, pelo seu conhecimento e poder de ensinar está em local privilegiado para fomentar esse processo. Fazer com que os jovens e adultos que frequentem o EJA percebam sua própria realidade e entendam seu valor e poder como sujeitos da própria vida, história, cultura e sociedade, é um passo relevante, que não pode ser ignorado, um dos muitos que precisam ser dados para que possamos ver as mudanças que desejamos na educação brasileira acontecer.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto que compõe o alunado do EJA é permeado por pessoas de origem humilde com inúmeros problemas de ordem pessoal e social, usualmente em situação de vulnerabilidade econômica e que estão ali em busca de uma formação que lhes permita arrumar um melhor posto de trabalho, podemos perceber que a realidade do EJA é dura tanto para alunos quanto para docentes. Avaliar corretamente neste contexto se torna um desafio.

A realidade educacional da EJA nas escolas de Vila Velha – ES, conforme constada no estudo desenvolvido o qual ouviu professores e alunos, encontrou uma situação satisfatória quanto à estrutura física das escolas, as quais possuem bibliotecas com boa quantidade de livros, materiais didáticos disponíveis a todos os alunos, oferta de refeições completas acompanhadas por nutricionistas, e demais ambientes como salas de aula, laboratórios, pátios, tudo bem ventilado, dispendo de boa iluminação e climatização com ar condicionado para os dias de calor.

Além disso, as escolas pesquisadas contam com a elaboração de propostas curriculares significativas para a comunidade local, como projeto “*Espírito Santo – Nossa Terra*” que tem como objetivo despertar nos educandos o interesse pelo nosso estado, valorizando aspectos culturais, geográficos e artísticos de alguns municípios. Além disso, visa proporcionar à interdisciplinaridade.

Foi preciso ir até os estabelecimentos escolares, para observar e ouvir professores e alunos, que os primeiros problemas começaram a se manifestar. Procurou-se observar tudo na sala de aula, desde o ambiente, comportamento dos alunos e professores, tudo foi observado de forma compreensiva. Nas salas de aula visitadas, há barulho constante, a disciplina de Matemática é aplicada para todas as séries da EJA e é considerada pelos alunos a mais difícil. Quando a professora está passando os exercícios na lousa, as turmas conversam muito, a professora pede silêncio e chega até a gritar devido às conversas paralelas.

Neste contexto, primeiramente apresenta-se os principais pontos levantados com as entrevistas dos professores. Diante deste cenário, o pesquisador questionou qual a função do educador no processo de alfabetização da EJA. As respostas dos professores apontaram que:

**PROFESSOR 41:** “é o educador ele tenta pelo menos alfabetizar e da prosseguimento esse estudo as pessoas que não tiveram condição de estudar na idade certa, é, na idade alfabetização, algumas com motivos pessoais, outras por motivos financeiros, e outros problemas né? agente tentar recuperar vamos dizer assim esse tempo perdido, na idade certa de alfabetização”.

A fala do professor 41 entrevistado vai de acordo a falas similares de praticamente todos os demais entrevistados, atestando uma compreensão a respeito das particularidades do alunado da EJA. Em relação à questão da avaliação na EJA, o pesquisador perguntou: como é feita à avaliação da aprendizagem dos alunos da EJA? A resposta foi:

**PROFESSOR 13:** na sala de aula é feito muitos exercícios, agente, eu particularmente procuro não passar atividades pra casa porque a maioria trabalha né e não vai ter tempo de fazer, então a é as avaliações são todas feitas em sala de aula acompanhamento í eu procuro sempre tá fazendo várias é atividades pra que eles componham a nota, não a prova com valor alto.

**PROFESSOR 25:** A avaliação é feita diariamente. E depois no final do semestre, mas todo dia eles são avaliados com o todo, o aluno não é só avaliado somente nas classes de alfabetização, dessa primeira parte de ensino fundamental, eles são avaliados como o todo, todo dia tem uma produção de texto, a participação, confecção de cartazes, de trabalhos são feitos dentro da sala, porque aluno da EJA você não pode da dever de casa, vamos dizer assim.

Diante destas falas percebemos uma concepção de avaliação voltada para o levantamento das dificuldades dos alunos com vistas à correção de rumos e à reformulação de procedimentos didático-pedagógicos, bem como de objetivos e metas. Diante da fala dos professores, Laffin (2011, p. 86), assim se manifesta: “[...] é por meio da educação escolar, os indivíduos têm, diante de si, um “mundo” do qual até então não tinham consciência”. Com certeza, conheciam-no a seu modo e não da maneira como a ciência sistematizou suas experiências ao longo dos anos.

Quanto à caracterização da amostra de alunos entrevistados, constatou-se que 40% dos alunos participantes possuem idades entre 21 a 26 anos; 20% respectivamente entre 15 a 20 anos e 27 a 32 anos; e por fim, 10% idades entre 33 a 38 anos e acima de 47 anos. Quanto à relação ao sexo, constatou-se que 60% dos entrevistados são do sexo feminino e 40% masculino. Em relação ao ensino, para 90% dos alunos, a escola quando comparada com a de seus amigos é igual às outras e outros 10% disseram ser pior que as outras.

A seguir serão apresentadas algumas das falas dos entrevistados no intuito de demonstrar o seu posicionamento diante da EJA. Ao se questionar o que gostaria de aprender, mas que a escola não ensina, destaca-se as seguintes falas:

**ALUNO 1:** “olha... porque meu problema é escrever ler, eu leio bem, mas fico com medo de escreve errado, tem gente que gosta de ler jornal, revista, eu no caso, minha dificuldade é por isso, fiz a 5ª serie já tinha 17 anos”.

**ALUNO 2:** “difícil responder, que a escola ensina tudo, menos profissão em si, mão de obra não ensina”.

Especialmente a fala do segundo aluno, traz à tona a realidade dura da EJA, as pessoas buscam qualificação profissional, sua necessidade primeira é obter o sustento para si e suas famílias, isto é um objetivo importante, sem dúvida, mas, atesta a realidade brasileira na qual os indivíduos são obrigados a procurarem a escola quando adultos para poderem sobreviver economicamente e, com isso, os objetivos maiores do ensino, a busca pelo conhecimento, fica relegada a um plano secundário

Sobre o aspecto qualitativo, Luckesi (2002) considera que os professores, muito provavelmente, durante seu planejamento, desconsideram o objetivo do processo de aprendizagem. Como desconsideram esse fator, dificilmente saberão como e o quê avaliar.

Outro questionamento realizado pelo entrevistador foi qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula? Verificou-se que:

**ALUNO 17:** “é porque tipo assim... muito barulho, muita gente conversando aí fico nervosa e tem dia que não consigo fazer nada”.

**ALUNO 32:** “de conhecer as letras, o N o H da na frente primeiro, e o X o K fica sem saber com é que ler”.

Os alunos da EJA carregam de certa forma a marca da pobreza, da exclusão por não terem obtido uma educação satisfatória, e porque as políticas públicas falharam quando eram crianças ou adolescentes. Vivemos, afinal, num país injusto onde a distribuição de renda causa pobreza, causa dor, causa desconforto e diferenças de oportunidades.

O pesquisador questionou aos alunos se algum deles já pensou em desistir de estudar. Aqui é um questionamento importante porque demonstra que muitos dos alunos entrevistados não pensaram em desistir dos estudos.

**ALUNO 16:** “é não sei muita coisa, a gente tem que trabalhar, mas hoje em dia vejo que faz muita falta, trabalhar e estudar não é brincado não (risos)”.

**ALUNO 26:** “sim muitas. Mais aí pensei: não vou parar, deu uma loucura depois continuei”.

Frente às necessidades do dia a dia as pessoas se questionam, refletem, se vale mesmo a pena prosseguir com os estudos após um longo dia de trabalho, tendo responsabilidades e afazeres igualmente em seus lares. E, neste contexto, caso a educação recebida na escola não faça sentido, não cativem, não prendam a atenção do educando, ele poderá concluir que não existe de fato nada de útil para ele naquele lugar, e simplesmente debandar. Eis a razão para que os docentes sejam criativos, prestem atenção no contexto experienciado pelos alunos e criem metodologias capazes de atraí-los.

Outro questionamento foi: os conteúdos utilizados em sala de aula estão de acordo com a faixa etária de idade? Cita-se o **ALUNO 109:** “não. Ela tá dando aula pra 1ª e 4ª série aí fica tudo misturado, tem que dar atenção pra todos e não tem como ela dar atenção pra todos”.

Diante destas respostas dos alunos, Hoffmann menciona que:

O aluno constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas. Os entendimentos dos alunos são decorrentes do seu desenvolvimento próprio frente a umas e outras áreas de conhecimento (HOFFMANN, 1993, p. 52).

O professor pode imaginar que o aluno da EJA, por ser uma pessoa de origem humilde, desprovida de conhecimentos acadêmicos aprofundados, não será capaz de perceber falhas em sua metodologia, ou mesmo atitudes de desleixo, o que está muito longe da realidade. O educando do EJA é um sujeito histórico, possui vivências e mesmo que não tenha frequentado por muito tempo os bancos escolares, ele tem sabedoria, uma sabedoria que provém da vida, até mesmo coisas que a escola não ensina e, deste modo, o educando do EJA tem de ser tratado como tal: um ser inteligente, perceptivo e capaz de aprender.

Assim sendo, o processo de aprendizagem não se limita à sala de aula, mas ao ambiente geral da unidade escolar. O aluno começa a compreender o valor da escola e o seu sentido a partir do momento em que nela ingressa, a partir desse momento, todos os que aí atuam são educadores,

todas as atividades, planejadas ou não, são educativas.

Assim sendo, é necessário dizermos que as premissas que circulam em nosso campo de pesquisa estão pautadas nos princípios defendidos por Freire (1987), quando nos diz que o “[...] educador já não é o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (FREIRE, 1987, p. 39).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o estudo, percebeu-se que, caso o docente não saiba como educar aos jovens e adultos e para que estes devem ser educados, fazendo com que eles participem da definição desse projeto político, acaba-se incorrendo nas mesmas práticas que se repetem, ao longo da história, mas, não respondem ao grave problema que é ser excluído do direito à educação, na sociedade letrada em que se vive.

Nossos adultos e jovens precisam ser tratados com mais respeito pelos governos, para que sua dignidade como pessoa humana seja respeitada, e o direito à educação possa ser, de fato, efetivado em nosso país.

A avaliação na EJA certamente se firma como processo inteiramente irreversível. O permanente esforço pela identificação do nível de qualidade da instituição escolar se constitui em elemento indispensável para a busca de uma igualmente qualidade necessária. Torna-se relevante mencionar que a avaliação está sendo encarada efetivamente como um processo que se constitui em excelente agente de identificação e de apoio à qualidade institucional e do processo ensino-aprendizagem. Ela cabe ser visualizada como afirmação duradoura em busca de uma qualidade compatível entre a filosofia institucional e a realidade social.

Os achados desta pesquisa evidenciam que os docentes tem consciência da importância da avaliação, enquanto instrumento pedagógico, mas evidenciam igualmente que ainda existem muitos problemas a serem sanados para que alunos do EJA desenvolvam as competências escolas necessárias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A; CORSO, A. M. A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais. Curitiba: **XII Congresso Nacional de Educação EDUCERE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, nov/2015. Disponível em:

<[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753\\_10167.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf)>. Acesso em: 12/02/2019.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CARMO, G. D. M. **Educação de jovens e adultos**: relato de uma experiência vivida durante estágio. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: <[https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/5896/3/EducJovAdultos\\_Monografia\\_2017.pdf](https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/5896/3/EducJovAdultos_Monografia_2017.pdf)>. Acesso em: 12/02/2019.

COOK-GUMPERZ, J. **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DREYER, L. Alfabetização: o olhar de Paulo Freire. Curitiba: **X Congresso Nacional de Educação EDUCERE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, nov/2011. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5217\\_2780.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5217_2780.pdf)>. Acesso em: 13/02/2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup> Edição, p.35-39. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LAFFIN, M. H. L. F. Alfabetização de idosos e adultos ou leitura e escrita? Braga, **Revista Portuguesa de Educação**, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872012000200007](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872012000200007)>. Acesso em: 13/02/2019.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**; Editora Cortez, 12<sup>a</sup> edição, 2002.

LUCKESI, C. C. (2011). **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico, São Paulo: Cortez Editora.

PELLOSO, S. M. **Reflexões sobre avaliação**: esboçando retratos no EJA. In: Os desafios da escola pública paranaense: perspectivas do professor PDE. Curitiba: Cadernos PDE, dez/2014. Disponível em:

<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uem\\_mat\\_artigo\\_silvia\\_maria\\_peloso.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uem_mat_artigo_silvia_maria_peloso.pdf)>. Acesso em: 13/02/2019.

MIRANDA, L. C. P; SOUZA, L. T; PEREIRA, I. R. D. A Trajetória Histórica da EJA no Brasil e Suas Perspectivas na Atualidade. **Seminário de Iniciação Científica**, 2016. Montes Claros. Disponível em: <<https://www.ifnmg.edu.br/arquivos/.../e4e0c388-a724-45cb-8189-46e3a70afa64.pdf>>. Acesso em: 12/02/2019.

NEGREIROS, F. *et al.* Análise psicossocial do fracasso escolar na Educação de Jovens e Adultos. **Psicologia em Pesquisa**, jan/jun 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v11n1/06.pdf>>. Acesso em: 13/02/2019.

SALES, S. C. F. **Educação de Jovens e Adultos no Interior da Bahia.** São Carlos: UFSCar/SP. 2008. (Tese de Doutorado em Educação). Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/historicoelegislativo/index.php?pagina=0>>. Acesso em: 12/02/2019.